

Irene Binini. *Possibility and Necessity in the Time of Peter Abelard*. Leiden and Boston: Brill, 2022. 326 p. ISBN: 9789004470286, Hardback: € 146.28

Revisto por VERA RODRIGUES
Instituto de Filosofia, Universidade do Porto
verarvarjota@gmail.com

Reunindo e aprofundando os frutos de uma investigação que remonta ao doutoramento e prosseguiu através de uma série de artigos publicados nos últimos anos, Binini oferece neste livro o primeiro estudo sistemático e abrangente da lógica modal de Pedro Abelardo. Trata-se, neste domínio, de um contributo notável a esse imenso e intenso empreendimento em curso que é o da exploração de manuscritos, edição e estudo dos textos das escolas lógico-filosóficas do séc. XII. Durante muito tempo centrada quase exclusivamente na figura extraordinária de Abelardo e na questão dos universais, a investigação sobre os desenvolvimentos da lógica no séc. XII tem vindo a iluminar o cenário colectivo em que se move Abelardo, permitindo uma melhor compreensão dos cerrados debates entre mestres que comungavam de um mesmo corpus textual e doutrinal e de um certo número de problemas lógicos, gramaticais, filosóficos e teológicos. De modo que o método de identificação, noutros textos – glosas e comentários frequentemente anónimos, frequentemente únicos –, de posições acerca das quais Abelardo se pronuncia nas suas obras é duplamente fecundo, tanto no que diz respeito ao nosso conhecimento das diversas escolas lógico-filosóficas do séc. XII e das posições adversárias referidas por Abelardo, quanto à apreciação da própria originalidade e sofisticação das teorias atribuídas ao mestre do Paleto. É este o método e a perspectiva aplicados também por Binini e daí o redobrado interesse que o seu trabalho oferece. A estas duas vertentes acresce a intersecção com temas e modelos da filosofia contemporânea, evocados nos caps. 8 e 9, em particular no que respeita à semântica dos mundos possíveis.

O interesse vivo e crescente pela análise das proposições modais, a partir do início do séc. XII, está bem documentado. Porém, além dos estudos consagrados a aspectos da teoria modal de Abelardo, nenhum confronto sistemático ou estudo comparativo havia ainda sido feito das teorias coevas das modalidades com o pensamento modal de Abelardo. É a essa tarefa que é dedicada toda a primeira parte do livro. O ponto de partida é essencialmente, como não podia deixar de ser, o trabalho de S. Knuutila e a sua caracterização dos modelos modais herdados da Antiguidade (assentes em Aristóteles, Boécio, Agostinho), com particular atenção ao paradigma boeciano dominante no séc. XII e às posições de Anselmo, Pedro Damiano ou Garlando (cap. 1). Com base num importante *corpus* textual, Binini traça a recepção desse legado e das principais discussões acerca das proposições modais que, no início do século, se declinavam sobretudo em dois aspectos, gramatical e semântico: quanto ao papel que nelas desempenhavam os modos e quais as suas relações com as proposições categóricas

e não modais (cap. 2); quanto a saber se os termos modais ‘possível’ e ‘necessário’ tinham ou não denotação, *i.e.*, se se predicam de coisas ou de entidades proposicionais (cap. 3).

Sublinhe-se a relevância do corpus textual em que se apoia a autora, que inclui textos inéditos (cerca de 20 mss. utilizados), outros apenas transcritos, outros ainda com edições muito parciais ou apenas descritos e catalogados. Esses textos são repartidos por quatro grupos, o maior dos quais é, sem surpresa, o dos comentários ao *Peri hermeneias*. De acordo com as siglas propostas por Marenbon no seu “Working Catalogue” (2000) fundador, adoptadas pela generalidade da comunidade científica (remetendo a letra para o título da obra comentada), são eles: H4 e H5, muitos próximos entre si e tradicionalmente atribuídos a Abelardo, embora esta atribuição tenha sido recentemente posta em dúvida; H9 e H11, XIIⁱⁿ, ambos ligados à escola de Guilherme de Champeaux, com paralelos na *Dialectica* que Abelardo atribui ao seu mestre, sendo H9, segundo Iwakuma, uma revisão de H11; H8, *i.e.*, as Glosas ao *De interpretatione* da autoria de Abelardo que integram a sua *Logica ingredientibus* (doravante *LI*, ca. 1115-20; reeditadas por Jacobi e Strub, 2010); H13 e H20, datáveis do segundo quarto do séc. XII, talvez do círculo de Joscelino de Soissons; H17 e H15, compostos provavelmente nos anos 30 e revelando ambos um conhecimento pelo menos parcial da *LI* - tendo o último texto sido editado por P. King com o título de *Glossae ‘Doctrinae sermonum’* (2010). Enfim, o mais recente dos comentários ao *Peri hermeneias*, H21 (*Summa perihermeneias*), datável de ca. 1150, que mostra um nível de discussão bem mais avançado e utiliza já a distinção *de re / de dicto* para a interpretação das modais. Um segundo grupo contempla os textos particularmente relevantes para aspectos mais precisos da reflexão sobre os conceitos de possibilidade e necessidade, como o são os conceitos de potência e impotência a partir das *Categorias* de Aristóteles; ou o dos acidentes separáveis e das relações modais entre a substância e as suas propriedades, segundo Porfírio na *Isagoge* (particularmente relevantes na discussão das possibilidades simples não actualizadas, discutidas sobretudo no cap. 9). De Abelardo, destacam-se os comentários à *Isagoge* e às *Categorias* integrados na *LI* e, do seu círculo, as *Glossae secundum vocales* (P11, ed. Iwakuma) e o comentário a Porfírio da *Logica nostrorum petitioni sociorum* (LNPS). Para além disso, são exploradas as definições de ‘necessário’ nos comentários P14 (ed. Iwakuma), P15, P16 e P17 (deste último aguarda-se a edição de C. Tarlazzi), bem como em quatro comentários aos *Silogismos hipotéticos* de Boécio (SH2, SH3 e SH4). Em terceiro lugar, um pequeno número de tratados autónomos do século XII inteiramente dedicados às modalidades, em especial: M1 e M3, datados dos mesmos anos de composição da *Dialectica* de Abelardo, com a qual mostram proximidade textual; e o *De propositionibus modalibus* (M2, ed. Jacobi & Strub, 2010), provavelmente posterior a 1120, talvez ligado à escola de Joscelino de Soissons. O quarto grupo, por fim, compreende textos mais longos com uma secção importante sobre as modalidades: para além da *Dialectica* de Abelardo, também a de Garlando, ocasionalmente as *Introductiones montane maiores* (cuja secção sobre as modalidades será datável de ca. 1150; ed. Bos e Spruyt, 2017); o *Compendium logicae porretanum*, composto em meados do século (ed. Martin, 1983); e, da segunda metade do

século, a inédita *Ars meliduna* (ca. 1160-75) e a *Summa dialectice artis*, de Guilherme de Lucca (ca. 1175-94; ed. Pozzi, 1975). Trata-se, portanto, de um corpus inteiramente circunscrito à lógica, com um arco temporal cobrindo *grosso modo* a primeira metade do séc. XII.

Quanto a Abelardo e à sua teoria modal, são-lhe consagradas as segunda e terceira partes, culminando a última com o exame da sua reflexão sobre os conceitos modais de possibilidade e de necessidade, à luz das suas implicações epistemológicas e metafísicas – em particular no que diz respeito ao problema da presciência divina. Se o avanço da investigação tende a relativizar algumas das inovações atribuídas a Abelardo, deve-se, segundo a autora, reconhecer-se-lhe o mérito de ter sido o primeiro autor medieval a ter sistematicamente em conta a importação existencial na lógica modal e a interessar-se pelo fundamento ontológico das modalidades. Da *Dialectica* aos comentários ao *Peri hermeneias*, a abordagem distingue-se pela consistência e sofisticação da análise das proposições modais. Estas são discutidas, na *Dialectica*, como parte da teoria das proposições categóricas, e os modos definidos pelas características morfológicas e sintáticas das proposições que os contêm, com insistência na sua quantificação e negação e na relação com outros operadores (tais como as determinações temporais), acompanhadas de frequentes reflexões sobre a semântica das proposições modais e sobre a significação de ‘necessidade’ e de ‘possibilidade’. As *Glosas ao Peri hermeneias* da *LI* retomam muito do exposto na *Dialectica*, numa teoria mais amadurecida. Como o mostra Binini, para além de uma preocupação acentuada com as regras de conversão e de inferência silogística na *LI*, as principais diferenças dizem respeito a aspectos semânticos, como é o caso da distinção entre interpretação *de rebus* e *de sensu* das modais (e em particular o modo como se relacionam logicamente entre si), ou do alcance existencial das proposições modais e das relações semânticas entre proposições de necessidade e de possibilidade.

O confronto com as teorias coevas mostra assim que a significação dos termos modais e a denotação constituíam o grande problema com o qual se confrontavam Abelardo e os seus contemporâneos, no sentido de uma desreificação dos termos modais. Essa posição deflacionária encontra-se já na *Dialectica*, onde, tal como depois na *LI*, Abelardo insiste que os modos nominais não têm denotação. Em contrapartida, embora Abelardo seja quem investiga e teoriza sistematicamente essa distinção, a questão de saber se os termos modais referem coisas (*res*) ou entidades proposicionais (*sensus* ou *dicta*) é reconhecida e discutida em muitos outros textos coevos. Encontramo-la em M3, *e.g.*, que defende que os termos modais se aplicam ao *sentido* das proposições não modais. Ao invés, a leitura *de rebus* de Abelardo consiste em defender que os modos referem as próprias coisas que correspondem aos referentes das proposições simples correspondentes, e não ao seu conteúdo proposicional (p. 89): as proposições sobre possibilidade dizem respeito à não-incompatibilidade com a natureza das coisas, ao passo que as proposições sobre necessidade exprimem o que, a natureza das coisas requer ou exige.

Esta definição de possibilidade em termos de não repugnância da natureza não é originalidade de Abelardo. Porém, só a partir do início do séc. XII começa a ser usada sistematicamente na lógica modal, sobretudo no caso de possibilidades que nunca serão actualizadas; por outro lado, a definição de necessidade da *LI* é atestada nos textos ligados ao seu ensino (*LNPS, Glossae secundum vocales, De propositionibus modalibus*). Tudo indica, portanto que, ao fazer da *natura rerum* a base da definição de termos modais, Abelardo terá estado na origem de uma semântica modal sistemática baseada na natureza, onde se cruzam a discussão das possibilidades *extra-actum* e a do estatuto ontológico da possibilidade.

Quanto àquele que é geralmente considerado como o maior contributo para a história da lógica – a distinção entre exposição *de dicto* / *de re*, e que é a base da sua semântica modal, parece confirmar-se a leitura de Knuutila segundo a qual Abelardo interpreta todas as proposições *de rebus* sobre possibilidade e necessidade como possuindo uma importação existencial implícita – opondo-se, neste aspecto, à posição comumente aceite pelos seus contemporâneos (cap. 4). É um dos pontos em que a *Dialectica* e a *LI* diferem consideravelmente, esta última mostrando um aprofundamento que Binini interpreta precisamente à luz da consciência de algumas dificuldades relativas à conversão e à quantificação e importação existencial das modais, levando-o a restringir a validade do sistema modal às proposições que não contenham termos não denotativos. O cap. 5 expõe precisamente o aspecto problemático da predicação de termos vazios e das suas implicações em termos de importação existencial. Na *LI*, Abelardo defende em contra-corrente que uma proposição modal só é verdadeira quando o seu sujeito denota algo que existe na situação actual (ou seja, quando é uma proposição afirmativa *de rebus*), e que, por conseguinte, as leis de inferência e equipolência entre posições modais apenas são válidas se os termos referidos tiverem existência actual: de modo que entre elas pode-se estabelecer uma relação lógica, mas não uma relação semântica. O que é coerente com a posição anterior de Abelardo segundo a qual entre proposições de possibilidade e proposições de necessidade existe uma mera relação de concomitância (*comitatio*) ou equipolência, mas não de inferência em sentido próprio. Este é precisamente um dos pontos sobre os quais, no cap. 8, Binini assentará a sua leitura de que quer o ‘possível’ quer o ‘necessário’ devem ser considerados modos primitivos no sistema modal de Abelardo, que não podem ser interdefinidos (p. 155), e um dos argumentos a favor da coerência e sofisticação da sua teoria modal. A posição mantém-se quanto às modais temporalmente determinadas (cap. 7), reafirmando Abelardo, tanto na *Dialectica* como na *LI*, que as regras de equipolência e oposição pelos quadrados modais são as mesmas das modais simples, independentemente da sua interpretação: só as *consequentiae ex natura* podem ser consideradas verdadeiras inferências (p. 198).

A leitura segundo a qual possível e necessário são conceitos primitivos da teoria de Abelardo é argumentada desde o início da terceira e última parte do livro. É de destacar a análise particularmente fina que conduz Binini da noção de *natura (rerum)* na base da qual Abelardo e os seus contemporâneos definem possibilidade e necessidade, pondo

em evidência as implicações que o entendimento deste termo tem sobre o conceito de indivíduo, sobre o processo de individuação ou sobre os acidentes separáveis – e sobre uma leitura mais ou menos realista da ontologia de Abelardo. A tese defendida por Binini é a de que as naturezas são conceptualmente e metafisicamente anteriores às modalidades, e que servem precisamente para reduzir as noções modais, na medida em que representam os fundamentos (*grounds*) metafísicos e as fontes epistémicas das verdades modais (pp. 212-13). É particularmente interessante a discussão sucinta que a autora faz das interpretações contemporâneas contrastadas acerca das possibilidades sincrónicas e diacrónicas em Abelardo e da sua conformidade ou não com a semântica dos mundos possíveis: segundo Binini, mais próxima da posição de J. Marenbon do que da de Knuutila neste ponto, a posição de Abelardo acerca das modalidades seria antes a de um actualista e, mais do que de mundos possíveis, seria mais acertado falar, como Marenbon, de “histórias de vida” possíveis (p. 229).

Os dois últimos capítulos do livro são dedicados aos conceitos abelardianos de possibilidade e necessidade. Longe de exprimirem inconsistência no pensamento de Abelardo, os diferentes usos e sentidos do termo possível traduzem, na leitura de Binini, o desejo de Abelardo de demarcar o domínio do actual e o do possível (p. 233). A sofisticação da semântica modal de Abelardo reside no facto de pretender explicar, em termos de natureza, não apenas as possibilidades inactualizadas, mas também as inactualizáveis. A mesma consistência não se verifica no tratamento da necessidade (cap. 10) que, tanto na *Dialectica* como na *LI* é explorada sobretudo no contexto dos debates do sec. XII sobre futuros contingentes, determinismo lógico e teológico (e presciência divina). É na rejeição da definição boeciana da determinação do passado e do presente como um tipo de necessidade que se exprime a dimensão epistemológica que Binini evidencia na teoria modal de Abelardo: é da sua existência e da sua actualidade que deriva o carácter determinado dos eventos passados e presentes, e não do seu estatuto modal. Quanto ao problema do determinismo lógico, a autora passa em revista as principais respostas dos autores do séc. XII quanto à interpretação da “verdade (in)definida” que Boécio havia atribuído às proposições de futuros contingentes, convergindo com Knuutila em que a posição geral de Abelardo preserva (como H9, H11, H13, H20) o princípio da bivalência e o do terceiro-excluído, sem por isso aceitar as suas implicações deterministas: quer porque da necessidade de uma disjunção não é válido inferir a necessidade dos seus disjuntos, quer porque o seu verifactor – o *eventus rei* – ainda não está determinado. É, portanto, pelo conceito de determinação (ou *determinidade*), nas suas acepções lógicas e epistemológicas – coerentes, de resto, com a teoria do intelecto exposta no *De intellectibus* – que Abelardo pretende compatibilizar a bivalência inqualificada e a existência dos futuros contingentes. A sua solução consiste, portanto, num recurso essencialmente teórico e técnico às ferramentas sintácticas e semânticas desenvolvidas na lógica categórica e modal, e o mesmo se verifica na resposta ao determinismo teológico. Particularmente interessante é a confrontação da argumentação de Abelardo com a de Guilherme de Champeaux nas suas *Sententiae*, em que sobressaem os pontos comuns (sobretudo no

que diz respeito às condicionais centrais do argumento da infalibilidade, em que a originalidade de Abelardo consiste em defender que as proposições modais incluídas no argumento são verdadeiras apenas *de rebus*).

Esta é já, por conseguinte, uma obra de referência tanto no domínio da lógica modal da primeira metade do séc. XII, quanto da teoria modal e mesmo da filosofia de Pedro Abelardo, cuja sistematicidade, consistência e sofisticação são evidenciadas por Binini. Pelo seu vasto e sólido suporte textual, pela sua exposição sistemática, pela reconstituição minuciosa dos argumentos, pelas muitas sínteses parciais que pontuam o trabalho, constitui-se igualmente como um precioso instrumento de trabalho para o aprofundamento da investigação futura neste domínio onde tanto há ainda por explorar.